

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

NEIO LUCIO SOARES MENDES

O NEOPLATONISMO E O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA DE SANTO
AGOSTINHO

ANÁPOLIS – GO
2019

NEIO LUCIO SOARES MENDES

O NEOPLATONISMO E O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA DE SANTO
AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS – GO

2019

RESUMO:

O objetivo deste trabalho foi apresentar a vida e o desenvolvimento da filosofia de Santo Agostinho por meio do Neoplatonismo. O Neoplatonismo foi uma escola de filosofia, que influenciou muito a religião e a mística, que buscava conciliar a doutrina cristã com as filosofias clássicas das sociedades grega e romana. Por influência do Neoplatonismo, Agostinho distingue dois tipos de conhecimento: o conhecimento através dos sentidos que é imperfeito, mutável; e o conhecimento das essências imutáveis. No caminho para o desenvolvimento de sua filosofia, pode-se mencionar: sua formulação das relações entre a teologia e a filosofia, entre fé e razão; sua teoria do conhecimento com ênfase na questão da subjetividade e da interioridade; suas reflexões sobre a moral e o problema do mal e; sua teoria da história e política. A importância do pensamento agostiniano, não limitou-se ao seu tempo, mas atravessou séculos, e ainda hoje, pode ser identificado, não apenas no magistério da Igreja católica, mas em todas as denominações cristãs, nessas, mesmo que de maneira não tão explícita.

Palavras-chave: Agostinho; Deus; Filosofia; Maniqueísmo; Neoplatonismo.

ABSTRACT:

The aim of this paper was to present the life and development of St. Augustine's philosophy through Neoplatonism. Neoplatonism was a school of religious and mystical philosophy that sought to reconcile Christian doctrine with the classical philosophies of Greek and Roman societies. Under the influence of Neoplatonism, Augustine distinguishes two types of knowledge: knowledge through the senses that is imperfect, changeable; and the knowledge of unchanging essences. On the way to the development of his philosophy, one may mention: his formulation of the relations between theology and philosophy, between faith and reason; his theory of knowledge with emphasis on the question of subjectivity and interiority; his reflections on the moral and the problem of evil and; his theory of history and politics, elaborated in the work *City of God*. The importance of Augustinian thought has not been limited to its time, but has crossed centuries, and even today it can be identified not only in the teaching of the Catholic Church, but in the teaching of the Christian churches, even if not so explicitly.

Keywords: Augustine; God; Philosophy; Manichaeism; Neoplatonism

1- INTRODUÇÃO

A importância de Agostinho para a história da filosofia e da própria cultura ocidental é ímpar, pois

Nenhum pensador na história da cultura cristã ocidental alcançou uma importância e influência. Na verdade, nenhum outro pensador da antiguidade perdura, com notável influência até nossos dias – haja vista a vasta bibliografia que a cada dia cresce ainda mais – como Agostinho. Com efeito, apenas a obra de Platão, na história intelectual do mundo antigo, pode ser posta em paralelo com a obra de Agostinho (REALI; ANTISERI, 2004, p. 8).

Santo Agostinho se tornou um grande filósofo por inaugurar uma forma de pensamento pautada no eu. A partir disso, desenvolve reflexões que o levarão a se compreender em sua condição humana, do ser que existe e tem consciência de seus limites.

Empreender uma reflexão acerca do tempo e da linguagem em Santo Agostinho representa, também, um pensar sobre o ser humano, sobre quem ele é, pois, ao falar em tempo e linguagem será possível observar que tais temas são mencionados com relação direta ao homem. E a relação entre ambos é algo que se efetua no sentido de traduzir as expectativas do próprio homem em tentar compreender a si mesmo. E é justamente nesse ponto que se percebe as limitações que lhe são conferidas por ser quem realmente é. Entretanto, a descoberta do que é, ou melhor, do que corresponde à sua natureza, o conduz à busca daquilo que o sustenta na existência, visto que, por suas limitações sabe que não pode ter criado a si mesmo. Nesse sentido, pensar o fundamento da existência humana é algo que, decerto, pode despertar uma série de questionamentos.

Agostinho é um dos pioneiros em vários campos na história do pensamento ocidental. É o primeiro que apresenta uma prova da existência de Deus baseada na evidência invencível da existência do próprio eu, pensamento este baseado nos ensinamentos do Neoplatonismo. Dessa forma, o objeto do presente trabalho pretende responder à pergunta: como o Neoplatonismo colaborou no desenvolvimento da filosofia de santo Agostinho?

Para a elaboração desse trabalho foi realizado um estudo qualitativo, por meio de revisão de bibliográfica com livros publicados de 1991 até 2008, com o tema

ligado a Santo Agostinho e sua obra. Todo o material pesquisado foi submetido a uma triagem, onde foi estabelecido um plano de leitura onde foram destacados os principais trechos que serviram para a fundamentação teórica do estudo. A coleta de dados ocorreu entre os meses de fevereiro a maio de 2019.

2- SANTO AGOSTINHO: VIDA

Santo Agostinho nasceu em Tagaste, no dia 13 de Novembro de 354, de mãe cristã e pai pagão. Na sua cidade de nascimento, iniciou seus estudos, anos depois, na busca da formação superior, foi para a cidade de Cartago. Por não falar bem o grego, teve dificuldades no estudo, por isso, sua formação se deu de forma total no latim (REALI; ANTISERI, 2004).

De acordo com Reali; Antiseri (2004), quando se busca conhecer Santo Agostinho e suas obras é preciso saber quais as influências que ele teve. Dessa forma, o ambiente, o Estado, a família, a cultura e tradições exerceram função importante em sua formação.

Santo Agostinho viveu em um período dominado pelo Império Romano. Nessa época, existia um grande número de religiões e o Império estava passando por graves crises econômicas, políticas e sociais, fato este que fez a Igreja Católica ter função importante no direcionamento do homem e da sociedade (BOEHNER; GILSON, 2012).

A família exerceu um papel de grande relevância no desenvolvimento intelectual e psicológico de Santo Agostinho, principalmente por sua mãe Mônica, que era cristã. Contudo, Agostinho e seu pai eram pagãos, causa esta, que angustiava muito sua mãe, embora ela lutasse para convencê-los a procurar a verdadeira fé e a respectiva conversão. Devido a isso, empenhou-se em impossibilitar a ida de Agostinho para Roma e a sua adesão ao maniqueísmo, entretanto, seus esforços foram em vão. Agostinho recusava-se em ler a Bíblia, leitura está indigna para um homem sábio e culto como ele, preferindo os escritos de filosofia como leitura (REALI; ANTISERI, 2004).

Mesmo assim, segundo Boehner; Gilson (2012), sua mãe oferecia continuamente a Bíblia para Agostinho ler, e embora não a tenha aceitado de imediato, pois houve uma dificuldade em conciliar as narrativas do Antigo e Novo Testamento. Contudo, após fazer a conexão entre os dois Testamentos, se

maravilhou pela leitura das Escrituras Sagradas. Após a leitura da Bíblia Sagrada, Agostinho se sentiu extraordinariamente atingido, manifestando assim, mudanças significativas em sua vida, como narra na obra *Confissões*:

Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces, transformando as minhas aspirações e desejos. Imediatamente se tornaram vis, a meus olhos, as vãs esperanças. Já ambicionava, com incrível ardor do coração, a Sabedoria imortal. Principiava a levantar-me para voltar para Vós. (AGOSTINHO, 1999, p. 83).

Em sua cidade natal, Tagaste, no ano de 374, quando já contava com dezessete anos, Agostinho começou o seu magistério em retórica, tendo continuado a ministrar aulas mesmo após sua mudança para Cartago, nos anos de 375 a 383. Buscando o reconhecimento e também por possuir muitos alunos indisciplinados, Agostinho decide mudar-se para a cidade de Roma, cidade esta considerada um grande centro intelectual naquele tempo. Entretanto, ficou pouco tempo em Roma, mudando-se para Milão, onde continuou a ministrar aulas além de se dedicar à retórica, técnica da oratória, do falar bem (REALI; ANTISERI, 2004).

Depois de conhecer o diálogo de Cícero, Agostinho continuou a busca da verdade e de respostas para suas incertezas, por meio de várias direções em busca do conhecimento, se deslumbrando pelo maniqueísmo que certo período, sendo a filosofia e o modelo em que acreditava, desempenhando grande predomínio durante bom período de sua vida pessoal e intelectual. Essa seita religiosa tinha por base a divisão do mundo entre bem e mal, apresentando exemplos de como o bem purificaria o mal, entretanto, essa filosofia religiosa atendeu aos anseios e dúvidas de Agostinho somente por um certo tempo (BOEHNER; GILSON, 2012).

Agostinho decidiu afastar-se maniqueísmo após uma reunião com um bispo maniqueu, de nome Fausto, considerado um sacerdote muito sábio dentro da doutrina dos maniqueus, contudo não satisfaz aos questionamentos de Agostinho. Do maniqueísmo, Agostinho guardou para si o materialismo, que para ele, era a única forma de se compreender a realidade e o dualismo, responsável por esclareceras disputas existente entre o bem e o mal. Dessa forma, nessa reunião com Fausto, Agostinho constatou que o maniqueísmo não esclarecia suas perguntas, era uma doutrina sem fundação, e cheia de mentiras (REALI; ANTISERI, 2004).

Depois de seu afastamento do maniqueísmo, Agostinho buscou entender a filosofia cética, doutrina que visava a desconfiança com relação a todas as coisas, por entender que a humanidade não possuía entendimento sobre nada. Mas logo saiu dessa seita, uma vez que nessa doutrina não aparecia o nome de Cristo (BOEHNER; GILSON, 2012).

Na cidade de Milão, lê obras do filósofo Plotino, e fica encantado pela doutrina do neoplatonismo a respeito da incorporeidade de Deus e da imaterialidade da alma. Assim, abandona o ceticismo e vai se aproximando do neoplatonismo. No entanto, através dos sermões do Bispo Ambrósio, que a princípio só lhe interessara por causa da fina retórica do orador, e, principalmente, em função das cartas de São Paulo, aceita, afinal, de que só o cristianismo possui a verdade que tanto procurara (REALI; ANTISERI, 2004).

Dessa forma, deixa o cargo de professor de Retórica, oferecido por Símaco, e se muda para Cassiacum, numa chácara que, junto a vários amigos, sua mãe, seu irmão e o seu filho Adeodato, vivem uma vida normal. Lá surgem os primeiros diálogos filosóficos de Santo Agostinho (GILSON, 2004).

Em Agosto de 386, após vários acontecimentos e provações, Agostinho estava muito aflito em seu jardim na sua casa, buscando respostas, para dar sentido à vida, e escuta repentinamente uma voz de criança a cantar, “Tolle et lege”, “Tolle et lege”, expressão em latim que significa “toma e lê”. Contudo, Agostinho não via quem a dizia. Muito emocionado, se viu de frente a um livro, com a seguinte mensagem:

Não caminheis em glotonarias e em embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contentas e emulações, mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos (AGOSTINHO, 1999, p. 5).

Assim, no ano de 387, volta a Milão, onde é recebido na Igreja e é batizado pelo próprio Bispo Ambrósio, na noite de 24/25 de abril de 387, por ocasião da vigília de Páscoa. No mesmo ano, resolve ir para a África, na volta, na cidade de Óstia, recebe a notícia da morte de sua mãe, Mônica. Em 388, regressa para Tagaste onde vende todos os seus bens, e funda uma comunidade religiosa, vivendo como monge (GILSON, 2004).

Em 391, na igreja de Hipona, o bispo Valério promove a escolha de um novo sacerdote entre os fiés e estes escolhem Agostinho, que em um primeiro momento fica receoso, mas, entendendo ser uma vocação divina, acaba aceitando este cargo, ficando neste cargo por muitos anos, onde realizava as atividades administrativas, filosóficas, além dos sacramentos e de todos os ofícios religiosos (REALI; ANTISERI, 2004).

No ano de 395, é ordenado bispo auxiliar, e no ano de 396, com o falecimento do bispo Ambrósio, toma posse como bispo episcopal da cidade de Hipona e dedica-se no desenvolvimento teológico, vivendo para a igreja e para a comunidade cristã. Durante esse tempo, Agostinho passa a escrever suas obras mais importantes e significativas, determinadoras de uma revolução doutrinária decisiva na história da Igreja Católica (AGOSTINHO, 1999).

No dia 23 de Agosto de 430, Santo Agostinho morre na cidade de Hipona, após esta ser invadida por vândalos, retirando-se da “cidade dos homens”, tida por ele como pecaminosa e das trevas, e entrando na, por ele chamada, “cidade de Deus”. Deixando uma obra de pensamentos que imperaria no Ocidente cristão, até que aparecessem novos filósofos e novas ideologias acerca da fé (REALI; ANTISERI, 2004).

3 O CAMINHO INTELECTUAL DE SANTO AGOSTINHO.

3.1 MANIQUEÍSMO

Chegando à cidade de Cartago, aos vinte anos de idade para estudar retórica, Agostinho via o cristianismo como uma religião familiar, pois tinha sido educada por sua mãe, cristã fervorosa. Entretanto, não era um entusiasta da fé cristã. Devido a isso, Agostinho buscava um caminho que o levasse a uma vida mais elevada, espiritualmente e intelectualmente (GILSON, 2004).

Agostinho buscava encontrar a verdade em resolver o problema do mal no universo, sendo esta a grande interrogação que afligia sua cabeça. Embora tendo grande consideração pelo cristianismo, não encontrava no cristianismo respostas para suas inquietações. Dessa forma, não encontrando soluções para suas dúvidas, acabou trilhando pelos caminhos dos hereges maniqueus. O maniqueísmo fascinou Agostinho, devido à importância da sabedoria para os adeptos dessa doutrina. A sabedoria era vista como uma verdade absoluta colocando-se acima da fé,

chegando o homem a esta verdade por esforços próprios. Os maniqueus propunham-se provar por meio de esclarecimento racional do universo e da vida, uma resposta para o problema do mal, que tanto afligia Agostinho. A solução para o problema do mal fez Agostinho se manter nessa seita, quase como um escravo, por nove anos (SOUZA, 2006).

O maniqueísmo, criado no século III pelo profeta persa Mani, cresceu rapidamente em número de adeptos. Resumidamente, pode-se afirmar que, para os adeptos do maniqueísmo, existiam duas divindades supremas que comandavam o universo: o princípio do Bem e o princípio do Mal, ou a Luz e as Trevas. Assim, afirmavam os maniqueus que o homem possuía duas almas, cada uma comandada por um desses dois princípios. Dessa forma, o mal é metafísico e ontológico. O ser humano não seria livre nem responsável pelo mal que faz, ele é necessário e é obrigatório ao homem (REALI; ANTISERI, 2004).

A filosofia religiosa maniqueu tinha como premissa elucidar à questão da origem do bem e do mal. Assim, o maniqueísmo criou uma doutrina que retira de Deus e da humanidade toda a responsabilidade, afirmando a existência de dois princípios diversos e adversos entre si, que estão em contínuo conflito. Eram como dois reinos, dois mundos, duas naturezas. Uma boa, chamada Deus, e outra má, não criada por Deus. Falando dos dois princípios afirmados pelos maniqueístas, é importante perceber alguns detalhes. O primeiro é o Reino da Luz, a cidade da Paz, onde mora o Pai. Este Deus é de natureza física, um ser corpóreo, que ocupa um espaço, embora não tenha necessariamente uma forma humana (BOEHNER; GILSON, 2012).

Ainda enquanto adepto do maniqueísmo, diz Agostinho nas Confissões:

E a ti, vida de minha vida, também a ti eu te concebia como entidade que se estende por toda parte, e vai penetrando, através dos espaços infinitos, em todo o universo, e alastrando-se também fora dele na imensidão sem limites. Desse modo, a terra, o céu e todas as coisas te continham, e todas elas encontravam em ti seu limite, enquanto tu não eras limitado por nada. [...] E assim estarias presente nas várias partes do mundo, partindo-te aqui e ali em fragmentos maiores ou menores, conforme as partes maiores ou menores do universo. No entanto, não é assim, mas tu não me havias dissipado as trevas da mente (AGOSTINHO, 1986, p. 160-161).

Paralelo ao Reino da Luz há o Reino das Trevas, apontando como noite da matéria, da carne, do erro. Para o maniqueísmo, esses dois reinos são incriados, coeternos. Eles têm o mesmo poder, pois ambos podem criar suas emanações. Na

briga, lutam em igualdade. Para os maniqueus, o Reino da Luz possui maior valor que o Reino das Trevas, as qualidades do Reino da Luz foram as responsáveis pela inveja no Reino das Trevas e, desde então, este é a causa da guerra entre os dois reinos (BOEHNER; GILSON, 2012).

Para alcançar a liberdade da alma, a doutrina maniqueu requer uma vida rigorosa, através de um severo ascetismo. Através dela, presumia-se ser capaz de afastar o homem do mundo material e, assim, libertar a sua alma da matéria e conduzi-la às coisas mais elevadas. Para o maniqueísmo, tal ascese tinha por objetivo libertar a alma humana das amarras do corpo e, desse modo, libertar a Luz presa na matéria. Tendo em vista que o pecado atrasaria a redenção do homem, isto é, a libertação da Luz aprisionada na matéria, a moral maniqueísta baseava-se numa vida austera, a fim de acelerar o processo de libertação da alma (REALI; ANTISERI, 2004).

Durante muitos anos, Agostinho confiou suas expectativas no maniqueísmo. Tinha como objetivo conhecer Fausto, bispo e líder maniqueu, buscando respostas para suas dúvidas existenciais. Contudo, após o encontro com Fausto, percebe a insuficiência da doutrina maniqueísta e abandona gradualmente, o maniqueísmo, construindo sua própria teoria para explicar a origem do mal, sem antes, contudo, entrar com outra doutrina, o neoplatonismo (SOUZA, 2006).

3.2 NEOPLATONISMO

Na cidade de Milão, já com trinta anos de idade, Agostinho ouve por curiosidade as pregações de Ambrósio, entrando em contato com a filosofia neoplatônica (em quem ressoava esse pensamento). Dessa forma encontra os instrumentos conceituais necessários para fortalecer os princípios cristãos que mantinha latentes em seu coração. Ao ouvir os escritos sobre a Bíblia feitos por Ambrósio, Agostinho percebe que aquele homem poderia tirar as dúvidas que tinha nesse campo. Buscou Ambrósio e por meio de seus sermões e conversas individuais, interessou-se tanto a ponto de se converter ao cristianismo, refutando qualquer resquício do maniqueísmo (BOEHNER; GILSON, 2012).

Como pode ser observado em suas próprias palavras

Foi então que comecei a empenhar todas as forças do espírito na busca de um argumento decisivo para demonstrar a falsidade dos maniqueus: se me fosse possível conceber uma substância espiritual, todos os obstáculos

teriam sido superados e afastados do meu espírito. Mas não podia. [...] Assim, duvidando de tudo, à maneira dos acadêmicos – como se imagina comumente – flutuando entre todas as doutrinas, resolvi abandonar os maniqueus. Parecia-me, nesse momento de dúvida, que não devia permanecer nessa seita, que eu colocava em plano inferior a alguns filósofos, se bem que recusasse terminantemente confiar a seus cuidados a fraqueza de minha alma, por ignorarem eles o nome de Cristo. Resolvi então permanecer como catecúmeno na Igreja católica, conforme o desejo de meus pais, até que alguma certeza viesse apontar-me o caminho a seguir (AGOSTINHO, 1986, p. 125-126).

Dos ensinamentos de Ambrósio, Agostinho compreendeu que Deus é Uno e Criador e não uma substância corporal ou material, mas espiritual e incorruptível. Compreendeu também a dimensão da espiritualidade da alma e mudou sua forma de entenderem relação à autoridade da Bíblia e ao prestígio da Igreja católica. Esses elementos trouxeram grandes mudanças na concepção e na solução do problema do mal (SOUZA, 2006).

Enquanto ouvia atenciosamente os sermões de Ambrósio, Agostinho e seus amigos não deixaram de se preocupar com grandes questões intelectuais, dentre as quais merece destaque a questão sobre a origem do mal. No tempo em que fora maniqueu, este problema lhe parecera de fácil solução, uma vez que, segundo os maniqueus, o mal tem sua origem no princípio eterno das trevas. Porém, agora, com as pregações de Ambrósio, que apresentava um único criador, o qual criou todas as coisas do nada, tanto as coisas corpóreas como as incorpóreas, o problema acerca da origem do mal intrigava ainda mais a alma sedenta de Agostinho.

Foi em Milão que tomou contato com as obras de Plotino (204-270), que pela sua nova interpretação dos textos platônicos, sendo então o fundador do que chamamos neoplatonismo, este muito influente em Agostinho. Este, então, pôde beber uma filosofia diferente daquela que lera em Cícero e durante seus anos como maniqueu. Reconhece a importância do contato com a filosofia neoplatônica, pois oferecerá ferramentas conceituais importantes para solucionar os questionamentos que palpitavam em seu intelecto. A partir daqui, é preciso notar os muitos conceitos que, de alguma forma, serviram de alicerce para tratar a questão da origem do mal e como tais conceitos ajudaram-no a refutar e superar a doutrina dos maniqueus. Entretanto, ainda assim, o neoplatonismo não foi suficiente para que Agostinho desse uma resposta à questão do mal.

Em contato com os neoplatônicos, Agostinho esclareceu seu pensamento fundamentado nas concepções platônicas, que doravante estarão sempre na base

de sua própria doutrina.

Apesar das diferenças entre o pensamento de Agostinho e a doutrina neoplatônica, o hiponense valeu-se de muitos de seus conceitos na construção de sua resposta ao problema do mal. Em sua obra *Confissões* (1999), Agostinho, já no primeiro livro, recordando sua infância, reflete muito sobre suas atitudes, onde se vê envolvido com o problema do mal já nesse período de sua vida, constata muitas de suas ações como más, chegando a conclusão que o problema do mal não se trata de uma questão meramente sistemática ou acadêmica, mas, ao contrário, deixa claro ser uma interrogação que envolve a vida e a sua própria experiência. A conclusão a que Agostinho chega é a de que o mal é a privação de um bem.

Nesse sentido, é importante ressaltar uma noção neoplatônica que teria muitos reflexos no pensamento futuro de Agostinho. Trata-se da noção de “nada”, ou, como define Plotino, o “não-ser”. Plotino define o “não-ser” ou “nada” como o “informe”, o “indeterminado”. O licolitano identifica o não-ser com a matéria. No entanto, tal noção plotiniana, para Agostinho, ainda não resolvia plenamente o problema do mal, uma vez que, o mal era colocado como algo natural, substancializado na matéria. É importante notar que, a partir da noção de uma origem natural do mal, defendida por Plotino, ainda não era possível conceber uma noção de culpa, ou melhor, de responsabilidade frente ao mal, problema de fundamental importância, que será enfrentado por Agostinho, sobretudo em sua obra *O livre-arbítrio*¹

Outra noção neoplatônica que servirá de base para o desenvolvimento do pensamento de Agostinho é a noção de substância espiritual, que o ajudou, inclusive, a superar o materialismo maniqueu. Enquanto estava com os maniqueus, Agostinho aprendeu que toda substância, incluindo Deus, devia ser pensada como coisa corpórea. Com a noção de substância espiritual, ao contrário do que ensinavam os maniqueus, o hiponense confirma a idéia cristã, aprendida com Ambrósio, de que Deus é ser Uno, de substância espiritual e transcendente. A partir de então, Agostinho vê ser Deus uma substância espiritual que tudo transcende e tudo governa. Do período que foi adepto do maniqueísmo, diz Agostinho na obra

¹A obra *O Livre Arbítrio* (*De Libero Arbitrio*) de autoria de Santo Agostinho, datada do ano de 395, foi escrita em forma de diálogo do autor com o seu amigo Evódio. Neste livro, Santo Agostinho elabora algumas teses a respeito da liberdade humana e aborda a origem do mal moral. Muitas vezes a expressão livre arbítrio, tem o mesmo significado que a expressão liberdade. No entanto, Santo Agostinho diferenciou claramente esses dois conceitos. O livre arbítrio é a possibilidade de escolher entre o bem e o mal; enquanto que a liberdade é o bom uso do livre arbítrio.

Confissões (1999, p.160-161):

E a ti, vida de minha vida, também a ti eu te concebia como entidade que se estende por toda parte, e vai penetrando, através dos espaços infinitos, em todo o universo, e alastrando-se também fora dele na imensidão sem limites. Desse modo, a terra, o céu e todas as coisas te continham, e todas elas encontravam em ti seu limite, enquanto tu não eras limitado por nada. [...] E assim estarias presente nas várias partes do mundo, partindo-te aqui e ali em fragmentos maiores ou menores, conforme as partes maiores ou menores do universo. No entanto, não é assim, mas tu não me havias dissipado as trevas da mente.

É importante ressaltar que o neoplatonismo teve reverberações nos pensamentos posteriores de filósofos da Idade Média, além de Agostinho, como por exemplo, Boécio, João Escoto Erígena, Nicolau de Cusa e Giordano Bruno, dentre tantos outros. E isso de antemão já nos mostra a importância filosófica desses filósofos das escolas neoplatônicas, pois sem recorrer aos seus pensamentos grande parte da chamada Filosofia Medieval seria obscura, quando não incompreensível.

É nítida a importância do neoplatonismo para o pensamento de Agostinho. Contudo, é preciso ter em mente que, Agostinho apropriou-se de muitas noções neoplatônicas, estas foram apenas um meio, um instrumento para que Agostinho se lançasse e progredisse sempre mais em sua própria vivência, sua visão do cristianismo e elaboração da própria filosofia, especialmente naquela questão que tanto o preocupava: a causa de praticarmos o mal.

Por meio do Neoplatonismo, Agostinho estabeleceu uma ordem de perfeição, uma graduação ou distinção dos seres para alcançar esse conhecimento que o levaria a uma vida beata. O corpo é mortal e a alma é seu princípio de vida. Esta distinção vai dos seres inanimados e passa pelos vegetais, animais até o homem. Mas não termina aqui. Acima da razão (do homem) ainda há verdades que não dependem da subjetividade, pois suas leis são universais e necessárias: as matemáticas, a estética e a moral. Só acima destas está Deus, que as cria, ordena e possibilita o seu conhecimento, que deve, agora, ser buscado na interioridade do homem (SOUZA, 2006).

Sendo assim, o mal, considerado em si mesmo, não existe. Em Agostinho, como veremos posteriormente, o mal é tratado como um problema moral, que envolve, fundamentalmente, a responsabilidade daquele que pratica a ação. Para Agostinho, a causa de procedermos mal está no livre-arbítrio da vontade.

4. A FILOSOFIA AGOSTINIANA

O pensamento e as reflexões de Santo Agostinho sensibilizam até os nossos dias, principalmente, sobre o homem interior. Agostinho foi o principal filósofo e Teólogo latino da Patrística (filosofia cristã formulada pelos *padres da Igreja* nos primeiros cinco séculos de nossa era), desenvolvendo o pensamento dos padres gregos sobre a filosofia cristã, com isto, desenvolveu seu trabalho com a união entre fé e razão. A fé é o principal caminho para compreendê-lo, pois esta foi a substância de sua vida e pensamento (AGOSTINHO, 1999).

Os livros da Bíblia e seus ensinamentos são primordiais para a admissão à veracidade eterna, que, conforme Agostinho (1999) devemos procurar com o afeto da mente, pois essa não busca a si própria, a fé é iluminada pela razão e vice-versa, uma não substitui a outra, ambas são necessárias e complementares.

Para Agostinho (1999), Deus é quem criou tudo, e para conseguir a iluminação divina, o homem não pode fazer uso somente da razão ou simplesmente da fé, pois a fé sem razão torna-se cega e a razão sem fé torna-se rígida, fria. Aquele que busca a Deus somente através da razão, por mais correto que seja, acaba cometendo pecados. O conhecimento verdadeiro provém da iluminação divina, porém o homem deve possuir um intelecto de sua própria personalidade, como afirma Agostinho:

A iluminação divina, contudo não dispensa o homem de ter um intelecto próprio; ao contrário, supõe sua existência. Deus não substitui o intelecto quando o homem pensa o verdadeiro; a iluminação teria apenas a função de tornar o intelecto capaz de pensar corretamente em virtude de uma ordem natural estabelecida por Deus (AGOSTINHO, 1999, p. 17).

Deve-se destacar que, conforme Agostinho (1999), é a luz divina que ilumina a razão, e esta vem de Deus, o supremo, que age no homem possibilitando a consciência das verdades eternas. O mal vem do homem devido ao livre-arbítrio, é este que nos leva a cometer erros, pois mesmo sabendo o correto, fazemos o errado.

A liberdade se dá através do domínio integral de nossas ânsias, se conhecer é, portanto, o meio para a liberdade total. A vontade é a principal faculdade humana, é ela que compõe o centro de nossa personalidade, ela é o principal meio que pode nos afastar de Deus e nos aproximar do mal, sendo ela a causa de todos os

pecados. De acordo com Agostinho (1995) tudo criado por Deus é bom e incorruptível, contudo, podem ser desprovidas de algum bem, pois se fossem desprovidas da totalidade do bem, deixaria de existir.

Conforme Agostinho (2008), todas as coisas que existem foram criadas por Deus e não há nada que não tenha sido criada por ele, entretanto, nem todas as coisas são idênticas, algumas coisas se diferenciam e tudo que é do mal, é oposto aos ensinamentos de Deus. O preceito principal da Teologia Agostiniana é que, atingindo a verdade, chegaremos à Deus, e seremos pessoas divinamente iluminadas. Deus entra em tudo, Ele está em todas as coisas e Jesus Cristo é a estrada para a humanidade ir ao encontro de Deus, pois Ele é a origem de toda verdade, ele é a Verdade, o Bem, o Supremo, a máxima perfeição, o único e verdadeiro ser.

Deve-se, portanto, levar uma vida reta, buscando os ensinamentos de Deus, monitorar o livre arbítrio, e ser cauteloso, pois o ser humano é um ser cheio de mistérios, e o principal mistério não está no mundo em que vivemos, mas sim, no nosso mundo interior, porque é nesse mundo interior que se encontra a essência do homem, é na alma que está toda a verdade. A verdade se encontra no eu interior, só a conquista quem raciocina. A alma é sublime e independente do corpo humano, é ela que age sobre ele, é a estrada para se aproximar de Deus, e como consequência, encontrar a verdadeira felicidade (AGOSTINHO, 2008).

Entendendo a alma, o ser humano viaja ao conhecimento de si mesmo, reconhecendo o ser, a verdade, o amor e o bem existente dentro de si vindos do criador. Dessa forma, Deus é o ser que leva o homem a conhecer a verdade. Tudo aquilo que é do Bem, provém de Deus, somente Deus salva e liberta do mal, necessitamos amá-lo acima de todas as coisas, e procurá-lo em todos os instantes (AGOSTINHO, 2001).

Agostinho (1999) considera o ser humano interior com o semblante de Deus e da Trindade, o poder de Deus espalhar-se pela alma, partindo pela tríade ser, conhecer e amar, toda esperança encontra-se em Deus. Ele é o ser puro capaz de transmitir o ser às outras coisas, ele nos ilumina como verdade e nos atrai dando paz e amor.

O amor para Santo Agostinho fazia parte do processo de santificação do homem. Ao amar a Deus, o homem amava o próximo, e esse amor permitiria que vivessem de forma harmônica, em sociedade. O amor ao próximo faria com que o

homem se sentisse parte do outro, em outras palavras, é como se o outro lhe pertencesse, não com um sentimento de posse, mas se instituiu no homem um desejo de querer o bem ao outrem. Portanto, o amor, em Santo Agostinho, passou a expressar a totalidade do ser no outro, à medida que aquele que ama vai em direção ao outro, e nessa incidência, há uma expressão verdadeira do ser tal como ele é.

O homem corrompido pelo pecado encontraria a regeneração por intermédio do amor ágape- amor celeste, que assumia a finalidade de educar o amor tido por Santo Agostinho como terrestre – Eros. Ao aceitar o amor espiritual, que representava a total perfeição do ser, e negar o amor carnal, identificado como as paixões e concupiscências, o homem reeducaria o seu ser para não viver em conformidade com os padrões terrestres, como o amor egocêntrico, antes a sua busca pelo amor à Deus criaria nele um caráter de caridade e amor ao próximo (AGOSTINHO, 1999).

Segundo Santo Agostinho existem duas cidades: a Terrena e a de Deus, a cidade Terrena é onde vive segundo a humanidade, nessa cidade o amor deve se voltar para os homens e as coisas em prol de Deus, pois o homem de bom coração ama aquilo que deve amar. Já a cidade Divina é onde se vive conforme os preceitos de Deus, respeitando seus ensinamentos, vivendo a eternidade no bem (AGOSTINHO, 2001).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conversão ao cristianismo, Agostinho dá início à produção de textos anti-maniqueus com o objetivo de refutar sua antiga fé. Como católico, passou a compreender a verdade como o conhecimento de Deus que deve ser atingido por meio da autorreflexão e do autoconhecimento, apenas sendo possível pela associação entre fé e razão.

Como católico, e fortemente influenciado pelas ideias neoplatônicas, Agostinho percebe o pecado como obra da vontade, que deve ser dirigida a Deus, e não às coisas materiais. A matéria deixa de ser percebida como um mal, pois, tendo sido criada por Deus, a matéria é um bem. O mal é o nada, ou a corrupção do bem e o pecado é a corrupção da vontade.

A Verdade que Agostinho demonstra satisfaz os anseios de um filósofo que precisa de uma explicação última da realidade por sua qualidade dialética e também

os de um místico que pretenda uma união com o divino. É que esta Verdade não é simplesmente a razão suficiente das verdades imutáveis que habitam a mente humana, ela também é pessoal e está “perto de todos aqueles que a amam e voltam-se para ela.

Estando sua vida e doutrina tão intimamente imbricadas e não tendo ele jamais separado teoria e prática, seu pensamento tem um sabor todo especial e nada tem de distanciamento da realidade cotidiana, assim não lhe falta especulação e de altíssima qualidade, mas não lhe interessa abordar questões que não aproximem o homem de seu fim último – a felicidade.

A importância do pensamento agostiniano, não limitou-se ao seu tempo, mas atravessou séculos, e ainda hoje, pode ser identificado, não apenas no magistério da Igreja católica, mas no magistério das igrejas cristãs, nessas, mesmo que de maneira não tão explícita.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus: (contra os pagãos), parte I.** Tradução de Oscar Paes Leme. 6. ed. Petrópolis / São Paulo: Vozes / Federação Agostiniana Brasileira, 2001.

AGOSTINHO, Santo. **A Doutrina Cristã: manual de exegese e formação cristã.** Tradução do original latino cotejada com versões em francês e espanhol; introdução, adaptação de notas, índices e organização geral por Nair de Assis Oliveira; tradução e cotejo de Nair de Assis Oliveira; revisão de H. Dalbosco e P. Bazaglia. São Paulo: Paulinas, 1991.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AGOSTINHO, Santo. **De Trinitate – Livros IX e XIII.** [trad. Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato, Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel]. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio. Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira.** São Paulo: Paulus, 1995, p. 28.

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus: (contra os pagãos), parte II.** Tradução de Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis / São Paulo: Vozes / Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

AGOSTINHO. **Confissões. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante; revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antonio da Silveira Mendonça.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 13^a. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis:Vozes, 2012. pp. 139 a 141.

GILSON, Etienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho.** Trad. Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006. pp. 17 a 29; 357 a 370.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** . 2^a ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004. pp. 81 a 85.

SOUZA, J. A. C. R. (org.). **Idade Média: tempo do mundo, tempo dos homens, tempo de Deus.** Porto Alegre: EST Edições, 2006.